

# **A INFORMAÇÃO CINEMATOGRAFICA E SEUS INSTRUMENTOS DE RECUPERAÇÃO: A Elaboração de um Tesouro em Cinema**

**Fernando de Mendonça\***  
**Maria Auxiliadora de Carvalho\*\***

## **Resumo**

Relata a experiência de elaboração de um Tesouro em Cinema, produto iniciado na disciplina “Linguagens Documentárias” e estruturado para auxiliar na organização e recuperação das informações cinematográficas. O Tesouro foi originado da constatação da carência em instrumentos para tratamento temático de documentos em cinema e da crescente utilização da linguagem especializada na área em língua portuguesa. Apresenta as ações realizadas na construção do Tesouro, distinguindo o reconhecimento do Cinema enquanto suporte de informação, a importância do Tesouro entre as Linguagens Documentárias e os procedimentos necessários para elaboração de um Tesouro. O Tesouro resultante é composto por 216 termos organizados em 8 categorias específicas.

## **Palavras-Chave:**

**TESAURO**  
**CINEMA**  
**LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS**  
**MAPA CONCEITUAL**  
**RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

## **1 INTRODUÇÃO**

Sabe-se que a arte cinematográfica envolve aspectos técnicos e científicos para sua formação, porém, pouco tem sido feito para que seus profissionais cheguem a uma linguagem comum de comunicação. A realidade dos Tesouros como representantes autênticos das Linguagens Documentárias já se estabeleceu de maneira positiva na atualidade e seria de grande valia para uma área de assunto como o cinema, que utiliza vários termos para expressar um mesmo conceito, às vezes até em línguas estrangeiras como o inglês e o francês. Isso auxiliaria teoricamente aos pesquisadores da área e até na execução prática de filmes entre os profissionais.

Essa compreensão serviu de embasamento para a apresentação de um trabalho desenvolvido pelo aluno Fernando de Mendonça, iniciado na disciplina “Linguagens Documentárias” do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), há dois anos atrás. A criação de um Tesouro na área de cinema foi uma proposta aceita para acúmulo de experiência prática das teorias apreendidas em aula. O resultado obtido ao fim da disciplina foi um mapa conceitual com termos entrelaçados através das relações usuais de um Tesouro e conceituados numa lista alfabética. A partir disso, e diante da

---

\* Concluinte de graduação em Biblioteconomia pela UFPE

\*\* Graduada em Biblioteconomia pela UFPE e Mestre em Ciência da Informação pela UFRJ em convênio com o IBICT

carência constatada em instrumentos para tratamento temático de documentos em cinema, incluída a crescente utilização da linguagem especializada na área em língua portuguesa, decidiu-se, então, ampliar as pesquisas iniciais e concretizar o mapa numa apresentação estruturada de Tesouro, para realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

A decisão de amadurecer esse trabalho foi tomada pelo autor, por possuir uma profunda afinidade com o tema. Ao voltar suas pesquisas no decorrer de todo o Curso para o domínio da criação cinematográfica e seu produto, outras disciplinas auxiliaram na elaboração desse Tesouro, notadamente “Formação e Desenvolvimento de Coleções”, onde foi feito um levantamento de livros sobre cinema para formação de um acervo proposto. Mediante a escolha de prosseguir nessa temática em seu Trabalho de Conclusão de Curso, o autor também optou voluntariamente por uma monitoria na disciplina “Linguagens Documentárias”, ministrada pela professora Maria Auxiliadora de Carvalho, também orientadora do seu trabalho, onde teve maior contato com estudos sobre Tesouros, manuseio de Tesouros impressos e eletrônicos, e acesso ao *software* Thew32 para desenvolvimento de Tesouros.

Pretende-se aqui, descrever a experiência de criação de um Tesouro em Cinema, elaborado para auxiliar a organização do conhecimento no tema e facilitar a busca de informações produzidas em contexto cinematográfico. Porém, por não servir à proposta de um artigo, os resultados e suas considerações foram omitidos, valendo-se inclusive, da intenção futura de um maior aprofundamento para divulgação dos mesmos.

## **2 O CONTROLE DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA**

Trabalhar o controle da linguagem utilizada em cinema exige, antes de tudo, uma apreensão da própria Arte como área a ser encarada para fins de recuperação. Para isso, é muito importante ter bem delimitadas, as características da informação estética e suas relações com a informação científica. Pouco lembrada pelos profissionais da informação, inclusive no campo teórico da produção científica, a informação estética se destaca no cenário das informações sociais, principalmente por sua oposição à natureza da informação científica. Ao destacar as diferenças entre essas duas ordens, Gomes (1983, p.11-12) aponta como peculiaridades da informação estética sua natureza semântica (linguagem intraduzível), seu caráter pessoal que depende de um repertório comum de conhecimentos entre o transmissor e o receptor, seu sistema de símbolos não universais e sua dependência de um suporte físico específico e insubstituível.

Na verdade, a oposição mencionada é a origem do conceito de informação científica, extraído da Teoria da Informação, por sua vez baseada na Teoria da Informação e da Percepção Estética, de Abraham Moles (1969), já que foi através dos argumentos extraídos de Moles que se delimitou a natureza semântica da informação científica, em contraste com a informação estética. Como lembra Yuexiao (apud WERNECK, 2000, p.65), “as propriedades da informação científica foram definidas em primeiro lugar por oposição às propriedades da informação mecânica [...] cuja informação é não social, não semântica, portanto não científica.” Esse diálogo entre os dois conceitos de informação, apesar de profundamente marcado pela oposição, demonstra a proximidade existente neles.

Recuperar a informação estética é lidar com os meios tecnológicos e perceber que não se pode mais evitar a necessidade prática do uso de mecanismos de recuperação nesse meio; aí se percebe uma das principais contribuições da Ciência da Informação na Arte. Essa preocupação já podia ser delineada no clássico ensaio do filósofo Walter Benjamin (1936) sobre a reprodução da obra de arte, pois em toda a obra, o autor ressalta a urgência de uma nova atitude a ser tomada em relação à Arte, principalmente em vista das novas técnicas de

reproduções artísticas oriundas do início do século XX. Baseando-se no tratado de Benjamim, Rapp (2000, p.45) afirma que “com o advento da máquina, a reprodutibilidade tornou-se um meio de fragmentar e também multiplicar essa obra (de arte) em vários pequenos pedaços, dentro da sua própria visualidade, disponível e a alcance de todo e qualquer espectador.”

O advento das novas tecnologias transformou radicalmente os princípios da Arte em seus campos de discussão, desde sua estrutura e criação até os procedimentos envolvidos na distribuição. Problemas de originalidade, autoridade, autenticidade e de recuperação, têm sido cada dia mais levantados entre os teóricos da Arte, pois “as novas tecnologias introduzem diferentes problemas de representação, abalam antigas certezas no plano epistemológico e exigem a reformulação de conceitos estéticos.” (MACHADO, 1993, p.24)

Com essa consciência alcançada, os profissionais da informação também têm adotado uma postura diferencial com os documentos artísticos. Ao abordar o documento imagético, incluindo o campo cinematográfico, Silva (2000, p.151) enfoca o confronto direto que esse tipo de documento tem com a abordagem informacional tradicional, principalmente no que diz respeito à representação documentária. A mesma autora (2000, p.159), é muito feliz ao delimitar o atual cenário da informação estética / artística na Biblioteconomia assim:

Esses espaços coletivos de conhecimento e comunicação só recentemente vêm se preocupando em estabelecer políticas para a organização e preservação de seus acervos de documentos audiovisuais. As atividades de preservação e conservação de obras de arte têm obtido sucesso e ressonância. Já a atividade de organização, que visa dar acesso às informações contidas nesses documentos de maneira eficaz, utiliza procedimentos que necessitam ser mais bem estudados.

E um dos principais motivos para um estudo mais aprofundado na atividade de organização em informação cinematográfica é a marcante mudança nos processos de criação e disseminação dos filmes, objetos da cinematografia. Mudança equivalente àquela citada anteriormente entre os teóricos da Arte, pois “no universo audiovisual, a natureza da informação e os suportes exigem procedimentos particularizados de tratamento, não encontrados nas práticas tradicionais.” (CORDEIRO, 1996, p.462)

Essa alteração se dá, inclusive na própria prática de cinema. Se para pensar cinema, a produção científica tem sido tão grande, com publicações até mesmo, cada vez mais comerciais, que visam atingir um público crescente em livrarias e pólos de informação, para fazer cinema têm-se criado inúmeros recursos tecnológicos carentes de uma definição específica. Acerca dessa dinâmica realidade, a professora Maria Aparecida Moura (2005, p.58) afirma:

Cada novo equipamento cria novas possibilidades expressivas que produzem novas expressões cinematográficas carentes de nomenclatura, tarefa assumida pelos técnicos que fazem uso desses instrumentos: é da natureza da linguagem cinematográfica incorporar termos esdrúxulos que nascem mais da prática que da teoria cinematográfica.

Diante da necessidade aqui comprovada para um controle da linguagem cinematográfica, é importante conhecer as principais tentativas e realizações feitas com esse objetivo. No Brasil, em 1985, bibliotecários da Cinemateca Brasileira e do Museu Lasar Segal (São Paulo) iniciaram um vocabulário controlado em Artes do Espetáculo, para padronização terminológica da descrição e recuperação de seus acervos, especializados em Cinema, Teatro e TV. Interrompido e retomado ao longo dos anos, até hoje não se apresenta um produto concreto de suas pesquisas. De acordo com Maria Cecília Soubhia (2002, p.621),

um grande passo já foi dado: uma análise terminológica que reúne subsídios encontrados em vocabulários já existentes em outros idiomas, assim como subsídios próprios da especialidade e da forma como se dá a busca da informação pelos usuários dos acervos. Mas a autora reconhece que apesar de obtido algum instrumental de auxílio à recuperação, o problema está reduzido, mas não resolvido.

Realização mais bem sucedida pode ser encontrada no Tesouro Eletrônico do Cinema Brasileiro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fruto de um projeto originado em uma disciplina do curso de Biblioteconomia voltada para indexação, apresenta, segundo MOURA (2005, p.61), um perfil exaustivo do assunto. No único artigo sobre o trabalho, a autora informa que ele aborda as principais áreas do cinema brasileiro, recuperando produtoras de filmes, escolas de ensino em cinema, cineastas / diretores, atores / atrizes e demais personalidade de destaque no Brasil.

Ao contrário do trabalho desenvolvido pelo Museu Lasar Segall, que tem como objetivo prático a recuperação de um acervo físico, o Tesouro aqui apresentado limita-se, a princípio, ao domínio conceitual da área, pois “a Linguagem Documentária não se define em relação ao acervo. Não se concebe uma Linguagem Documentária para tratar conjuntos de registros mas sim para organizar conhecimento.” (TÁLAMO, 1997, p.10). Também é muito distinto da realização da UFMG, por buscar um aprofundamento ou especificidade diferenciados. Afinal, como afirma Dodebei (2002, p.20):

Os modelos têm, por essência, o fato de serem simples, acurados, estruturados, sugestivos, representando analogias ao mundo real, que podem ser reaplicados a novos conjuntos de observações e, nesse sentido, são necessários por constituírem uma ponte entre os níveis da observação e do teórico.

Não se pode deixar de registrar, que durante a escolha do assunto a ser desenvolvido pelo Tesouro do autor, ainda não havia notícia daquele outro trabalho. E como o produto final da UFMG ainda não se encontra disponível para consulta, sendo o principal meio de contato com esse trabalho, o artigo publicado por Moura (2005), as influências foram mínimas, mas válidas, já que “os tesouros existentes não devem ser negligenciados, pois seções de linguagens de indexação já estabelecidas podem ser extraídas e usadas com o novo sistema.” (AITCHISON, 1979, p.19-20). As diferenças entre esses dois trabalhos destacam-se principalmente no quesito especificidade, pois o Tesouro aqui desenvolvido segue o princípio de Vickery (1980, p.36), em que “a linguagem classificatória deve ser a mais simples possível”; encontrando apoio até mesmo nas seguintes palavras de Agita e Chorley (1975, p.4-5), autores que enxergam um “modelo” como uma teoria, uma idéia estruturada, uma síntese de dados:

Os modelos são aproximações altamente subjetivas, no sentido de não incluírem todas as observações e mensurações associadas, mas, como tais, são valiosos por ocultarem detalhes secundários e permitir o aparecimento dos aspectos fundamentais da realidade (...) devem ser bastante simples para manipulação e compreensão pelos usuários, bastante representativos no alcance total das implicações que possam ter, embora bastante complexos para representar, com precisão, o sistema estudado.

Como o objetivo desse Tesouro foi construir o conhecimento numa área específica para fins de recuperação, não se descarta a potencialidade prática desse trabalho, com um número de beneficiários muito grande, abrangendo não só bibliotecários ou profissionais da informação, mas cineastas, técnicos, agentes culturais, pesquisadores e demais envolvidos com a arte cinematográfica, afinal, “a compreensão e o entendimento entre os especialistas é a

base das boas relações e índice de um progresso em evolução contínua.”(CURRÁS, 1995, p.15) Esse pensamento a respeito de um Tesouro aponta que a transformação de uma palavra e seu conceito em conhecimento é o objetivo maior da Linguagem Documentária.

## **2 TESAURO: UMA LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA**

Sabe-se que o bibliotecário sempre teve por principal função a guarda dos bens documentais; seu dever na intelectualidade, no domínio das línguas, no conhecimento geral das culturas e das ciências, conferiu-lhe, no decorrer da história, independência para a organização dos documentos e o uso dos acervos, enxergando em si próprio o instrumento mais adequado de ligação entre os acervos e o usuário. Como seus meios de recuperação nunca ultrapassavam o âmbito geral do saber, foi com verdadeiro assombro que se encarou a explosão documental iniciada nos anos 40.

O crescimento do conhecimento científico e tecnológico, e o desenvolvimento no processo de especialização do saber continuado nos anos 50 e 60, gerou dificuldades imensuráveis para o armazenamento e a recuperação da informação, multiplicada a todo instante através de periódicos científicos e surgimento de novos suportes documentais. Diante desse cenário, Vera Lúcia Dodebei (2002, p.11), em sua profunda pesquisa sobre Tesouros, lembra que

os especialistas em análise documentária não encontram nas linguagens documentárias tradicionais (organização do conhecimento geral) as condições necessárias para representar os conteúdos informativos dos textos técnico-científicos produzidos e que deveriam constituir uma nova memória documentária.

A partir dessa nova e urgente consciência das limitações impostas pelos meios de recuperação então utilizados, “foi abandonada a perspectiva preferencial de recuperação bibliográfica e normalização classificatória e descritiva, buscando-se a construção de linguagens próprias”.(CINTRA, 2002, p.33) Essas linguagens, denominadas Linguagens Documentárias, passaram a existir desde então, como as principais mediadoras entre a informação e o usuário, pois determinaram em seus objetivos o tratamento da informação para fins de recuperação. E, como já dito, não são apenas os problemas do passado que levam a detectar a importância da Linguagem Documentária, afinal, como afirma Maria Brasil (2002, p.83), em seu estudo sobre Vocabulários Sistematizados,

atualmente, o uso de instrumentos de Controle Terminológico para o apoio à indexação e recuperação da informação torna-se imperativo, diante de sistemas informatizados, acesso *on-line* a base de dados na Internet, organização de bibliotecas virtuais e outros instrumentos para a organização e disseminação da informação, que exigem melhor controle da terminologia para eficiente recuperação e filtragem de informações.

Bem, visualizar a situação em que se originaram as Linguagens Documentárias leva a compreensão da importância dessas linguagens e conduz ao pensamento para a função e a necessidade da própria Documentação em suas relações com a Biblioteconomia. Apesar de essas duas ciências serem popularmente inseparáveis, chegando mesmo a serem confundidas entre si no campo conceitual, há um elemento que distingue muito claramente o campo de atuação que cada uma possui: o objeto a ser organizado. Enquanto a Biblioteconomia, aplicada predominantemente em acervos físicos, organiza os documentos materiais existentes numa biblioteca (acervos), a Documentação tem sua preocupação voltada para a organização de informações relacionadas a um assunto, sem restrições.

A partir disso, pode-se perceber o grau de contribuição que essa relação proporcionou quando da especialização das ciências e conseqüentemente dos assuntos, naquele conturbado período histórico da informação. A definição de Cintra (2002, p.39) para Documentação como “memória, seleção de idéias, reagrupamento de noções e de conceitos, síntese de dados” é muito próxima da clássica concepção que o professor Vickery (1980, p.23) formulou para o ato de classificação, em que “na acepção mais simples do termo, é reunir coisas ou idéias que sejam semelhantes entre si, e separar as que apresentam diferenças.”

Também é pertinente observar a seguinte afirmação de Maria de Fátima Tálamo (1997, p.11):

Toda atividade de documentação trata em linhas gerais de compor organizações do conhecimento, que o represente e o resgate. É atividade de fundamental importância porque opera com formas próprias de socialização do conhecimento, na ausência das quais, compromete-se o acesso do indivíduo às informações que lhe permitem compreender melhor a si mesmo, ao mundo, que lhe permitem, enfim, se integrar à realidade.

Documentação, Classificação e Indexação são atividades indispensáveis na recuperação da informação, pois são suas linguagens específicas (aqui preferenciado o termo Linguagem de Documentação / Documentária), que “quando utilizadas nos sistemas de recuperação da informação podem provê-lo de qualidade adicional de modo que por seu intermédio possamos transformar informação em conhecimento”.(MOURA, 2005, p.57)

É a Linguagem Documentária que faz a informação circular, que agrega valor a um conteúdo, que padroniza a descrição do assunto, que traduz o conteúdo de um documento, que permite a comunicação usuário-sistema, e que cria um relacionamento entre os termos, revelando os aspectos conceituais envolvidos. E é nessa última característica, a do relacionamento entre os termos, que predomina com exclusividade, o Tesouro.

Para constar, “a palavra *thesaurus* etimologicamente vem do grego e do latim e significa tesouro (...) popularizou-se a partir da publicação do *Thesaurus of English Words and Phrases*, de Peter Mark Roget, em Londres, 1852.” (CAMPOS, 2006, p.350). Segundo Hagar Espanha Gomes (1990, p.13), em seu clássico “Manual de Elaboração de Tesouros Monolíngües”, Roget se destaca por não agrupar as palavras de seu dicionário em ordem alfabética, como nos dicionários de língua, mas de acordo com as ‘idéias’ que elas exprimem. A autora ainda reproduz a seguinte explicação do pioneiro sobre seu empreendimento:

O propósito de um dicionário comum é simplesmente explicar o significado das palavras; e o problema para o qual ele pretende oferecer a solução pode ser apresentado assim: - Sendo dada uma palavra, encontrar seu significado ou a idéia que ela pretende trazer consigo. O que se almeja com este empreendimento é exatamente o contrário: a saber, - Tendo-se a idéia, encontrar a palavra, ou as palavras, pelas quais a idéia possa ser expressa de maneira mais adequada e ajustada. Com este objetivo, as palavras e frases da língua estão arranjadas aqui não de acordo com seu som ou sua ortografia, mas estritamente de acordo com seu **significado**. (grifo do autor)

São extremamente esclarecedoras as palavras acima, que em tão breve espaço, iluminam as principais características do Tesouro enquanto Linguagem Documentária. Sem dúvida, o elemento mais particular do Tesouro está na gama de relações que ele cria entre os termos nele existentes. Essas relações (analisadas mais adiante) o diferenciam das demais Linguagens Documentárias, como o Vocabulário Controlado ou o Cabeçalho de Assuntos. É justamente a exclusividade de sua estrutura que permite a compreensão precisa de um campo do conhecimento, com seus termos dispostos esquematicamente.

Roget faz entender a realidade de que uma simples lista alfabética não é suficiente para recuperação, seja de palavras, termos, ou principalmente, idéias. Apenas com as relações estabelecidas, a Linguagem Documentária pode apresentar uma estrutura sólida, e a partir de então, como um autêntico Tesouro, possibilitar as associações e sucessões do pensamento, num processo contínuo de conhecimento.

Muitas são as definições oferecidas pela literatura para o conceito de Tesouro, mas a que melhor sintetiza sua definição, abrangendo desde sua estrutura até sua função, continua sendo a estabelecida pela UNESCO, em 1973 (apud Brasil, 2002, p.84), que diz:

Tesouro é um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente cobrindo um domínio específico do conhecimento. Pode ser definido, também, segundo sua função, como um dispositivo de controle terminológico usado na tradução da linguagem natural dos documentos, dos indexadores ou dos usuários numa linguagem do sistema mais restrita.

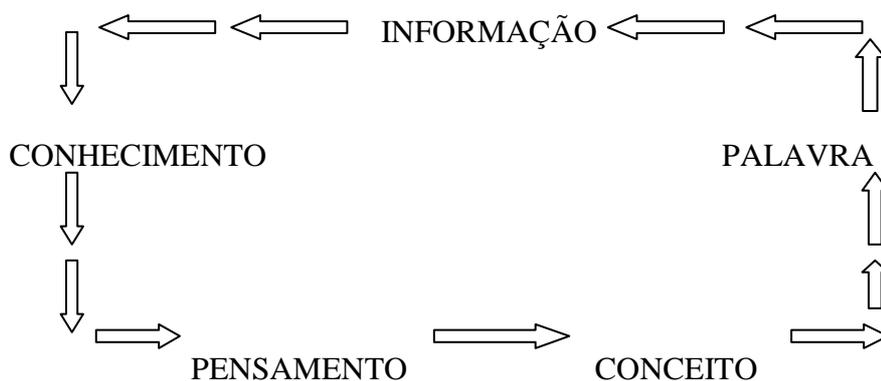
O ‘controle terminológico’ citado na definição acima tem referência direta com o ‘significado’ destacado nas palavras de Roget, pois a organização do campo terminológico na linguagem utilizada pelo Tesouro é outra característica singular deste, que o distingue das demais Linguagens Documentárias. Ao lado das relações entre os termos, a própria configuração / conceituação deste é o que permite funcionalidade ao Tesouro; “o conceito é, de fato, o ponto de partida para estabelecer as relações conceituais e determinar a forma verbal mais adequada para representá-lo.” (CAMPOS, 2006, p.350)

É justamente ao ter o conceito como foco que a teoria do Tesouro vai buscar apoio em outras áreas do saber, como a Teoria da Terminologia de Wuester, a Teoria do Conceito de Dahlberg, a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Filosofia da Linguagem, a Análise do Discurso, a Semântica, a Ontologia Formal e outros ramos da Linguística. Para compreender essas inter-relações é muito importante ter claro o significado de ‘conceito’, e muito amplo é o número de definições encontrado na literatura. Em Cláudio Nunes (2000, p.101)

conceito é definido como elemento do pensamento, uma construção mental que representa um objeto individual, material ou não. O conceito consiste num conjunto de características que reconhecemos comuns a um certo número de objetos individuais e que utilizamos como meio de classificação mental e de comunicação. As características são em si mesmas conceitos.

Essa definição, além de ser uma excelente descrição do significado de ‘conceito’, é um exemplo do trabalho terminológico realizado em um Tesouro. Se apresentada sozinha, a palavra ‘conceito’ não tem função, e não pode se relacionar com nenhuma outra. Apenas com seu significado, ou seja, seu conceito, a palavra ‘conceito’ poderá se tornar um ‘termo’. Ora, todo conceito guarda uma linha de pensamento e, através dela, a abordagem pragmática do trabalho terminológico de um Tesouro é validada.

A preocupação com o controle da linguagem, também chamada de Linguagem Natural, é necessária, pois “o caráter científico deu à linguagem uma força tal que, hoje, pode-se dizer que ela é tomada como chave de acesso do homem moderno às leis do funcionamento social”.(KRISTEVA, 1969, p.163). Principal meio de comunicação, a linguagem é o alvo de um instrumento como o Tesouro, sendo observada e trabalhada para que não altere a fonte interposta entre um emissor e um receptor. Como expõe Dodebei (2002, p.33), qualquer meio de comunicação altera a fonte, por isso, um Tesouro traz em seu método uma redução ainda mais acentuada de significados, decodificando a linguagem (conhecimento) em unidades mínimas de representação. Essa cadeia de reduções semânticas faz parte da base teórica da memória documentária e traz à tona o conceito de ‘metarepresentação’.



**Figura 1.** Processo da Linguagem Documentária

A Figura 1, adaptada de Emília Currás (1995, p.25) representa esse objetivo no processo da Linguagem Documentária, ou seja, do Tesauro. Se Currás representou originalmente esse processo numa linha vertical, aqui, foi escolhida uma apresentação circular, justamente para fortificar a idéia de que esse processo é um ciclo ininterrupto, dinâmico e irreversível. Ao ter a informação como origem, também, encontra-se nela seu fim, o produto elaborado. O pensamento exemplificado na Figura 1 é o que permite ao usuário o contato com o Sistema de Informação. Ao mostrar que o conhecimento está muito além das palavras naturais, o Tesauro alcança sua função social, existindo não mais somente como um simples instrumento de recuperação, mas como um ampliador da visão e do pensamento daquele que o utiliza.

#### **4 A ELABORAÇÃO DO TESAURO EM CINEMA**

O processo metodológico aqui adotado seguiu os princípios abordados por Aitchison e Gilchrist (1979), detalhados no capítulo anterior, além das contribuições de Gomes (1990), Dodebei (2002), a Teoria do Conceito de Dahlberg (1978) e a Teoria das Facetas de Ranganathan, estudada por vários autores.

O primeiro passo no exercício desse Tesauro, realizado ainda no processo de planejamento, foi a decisão pelo assunto ‘Cinema’, com a caracterização de sua área temática. A sistematização do campo cinematográfico, responsável pela transformação das informações contidas na realidade em corpo de conhecimento teórico, foi identificada pela atividade da categorização, tão particular nos procedimentos metodológicos para formação de Tesouros, e que permitiu um vislumbre dos usuários potenciais.

As pesquisas em fontes de informação gerais e especializadas foram realizadas em livros, artigos de periódicos, *sites* de Internet, anais de congressos e inúmeras outras. Elas basearam a identificação da terminologia mais adequada e usual em língua portuguesa para Cinema e permitiram um levantamento das experiências existentes realizadas no campo de assunto escolhido. A partir das conceituações colhidas nessa literatura, foi elaborado um glossário com os descritores selecionados para o Tesauro.

No que se refere à temática objeto de estudo, é importante mencionar uma fonte que se destacou: o “Dicionário Teórico e Crítico de Cinema” de Jacques Aumont e Michel Marie (2006), professores de cinema na Universidade de Paris 3. Os autores destacam-se como autoridades proeminentes na produção científica e literária da área, garantindo uma base sólida e confiável para a conceituação terminológica, ou seja, a garantia literária e de uso.

Pode-se dizer, inclusive, que o ato da coleta dos descritores aconteceu ao mesmo tempo em que se desenvolveu o Mapa Conceitual deste Tesouro. Considerou-se essa união benéfica, pois, com o assunto categorizado, a visualização dos espaços em que cada descritor poderia ser incluído, passou a ser real. A construção do Mapa seguiu os seguintes passos:

- Identificação e seleção dos termos;
- Seleção dos termos por ordem de importância;
- Centralização do termo núcleo 'CINEMA';
- Agregação das categorias e facetas principais;
- Utilização de cores para diferenciação das categorias;
- Inclusão dos termos mais específicos;
- Conexão dos termos com linhas.

Ao longo do processo foram sendo delineadas as categorias fundamentais para acolher os descritores específicos de forma a permitir a inclusão e a atualização constantes. A definição de categorias teve como meta facilitar a construção do Tesouro e a diagramação do Mapa Conceitual, assim garantindo a possibilidade de agrupamentos mutuamente exclusivos, isto é, quando se levantasse um termo novo, conseguir-se de pronto, incluí-lo em determinada categoria.

Adotando a fórmula de Ranganathan, PMEST, vislumbrou-se a Personalidade como a categoria TEORIA CINEMATOGRAFICA, a faceta Energia para as fases de PRÉ-PRODUÇÃO, PRODUÇÃO, PÓS-PRODUÇÃO e EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA, a Matéria para o próprio PRODUTO CINEMATOGRAFICO, incluindo-se ainda quanto ao aspecto do tempo, a HISTÓRIA DO CINEMA e a PRESERVAÇÃO DOS FILMES. Ainda quanto ao Espaço e o Tempo, como bem esclareceu Dahlberg (1978) vêm aqui, apenas delimitar essas categorias básicas. Para isso, é muito útil que o usuário desse Tesouro, adaptando-o à sua realidade (e acervo), conte com o apoio de listas de delimitadores, sejam eles históricos, geográficos, etários, ou outros.

Com relação ao levantamento e à apresentação dos descritores, a metodologia obedeceu aos seguintes passos nesse Tesouro:

- Análise dos conceitos;
- Seleção dos conceitos;
- Padronização formal dos descritores:
  - Uso na forma direta;
  - Uso no singular, como recomenda a versão francesa da ISO 2788 (apud SOUBHIA, 2002, p.629);
  - Uso do plural apenas quando o singular não exprimir o significado;
  - Uso da língua original quando não houver tradução;
  - Uso dos verbos na forma substantiva;
  - Uso de adjetivos ou adjuntos adnominais para expressar contexto;
  - Uso de caixa alta para os descritores e caixa baixa para os não-descritores.

No Tesouro as relações hierárquicas foram sinalizadas pelos códigos TG (termo geral) e TE (termo específico); as relações hierárquico-partitivas pelos códigos TGP (termo geral partitivo) e TEP (termo específico partitivo); as relações associativas (de qualquer espécie) pelo código TA (termo associativo / relacionado); e as não hierárquicas pelos códigos UP (usado para) antecedendo o não-descritor e USE antecedendo o descritor preferido. Buscando maior eficiência na utilização do Tesouro, optou-se que as notas de escopo, sinalizadas pelo

código NE, fossem apresentadas como descrições sucintas dos conceitos presentes na literatura.

Para a apresentação do Tesouro, tanto em sua forma alfabética como na hierárquica, utilizou-se o *software* TheW32. Desenvolvido para criação e manutenção de Tesouros, esse programa é compatível com o Microsoft Windows 95 / 98 e NT, e disponibilizado gratuitamente pela Internet. Possui em sua interface de utilização elementos típicos do suporte Windows, como suporte para teclado, mouse, menus e teclas de atalho. Sua versão eletrônica é mantida pelo professor Tim Craven da Faculdade de Informação e Estudos Midiáticos, na Universidade de Western Ontário, Canadá. Disponível no Brasil com uma versão eletrônica de seu manual atualizada pela Dra. Nair Kobashi, da Universidade de São Paulo (USP).

Acrescente-se ainda que, para validar a construção final do Tesouro, foi realizada uma consulta ao professor de comunicação, Dirceu Tavares e a professora de artes plásticas, pesquisadora em audiovisuais, Maria do Carmo Nino.

## 5 CONCLUSÃO

O Tesouro ora desenvolvido, com 216 termos, sendo 202 descritores e 14 não-descritores, resulta em um Tesouro monolíngüe, de abrangência micro e dedicação a um assunto (diferente de uma missão). Dada a natureza de um Trabalho de Conclusão de Curso, o Tesouro pode não reunir todas as possibilidades conceituais do domínio, mas considera-se um produto positivo e favorável, por lidar com o espaço da recuperação, organizando a discussão de terminologias e até ampliando o conhecimento da área, estabelecendo significados antes ignorados.

Conseguiu-se vislumbrar que a elaboração deste Tesouro considerou os principais elementos inerentes a esse instrumento. A categorização do assunto, a contextualização dos conceitos, a apresentação gráfica da estrutura, a padronização no uso dos descritores e o estabelecimento das relações entre os termos, foram ações indispensáveis na construção desse produto. Preocupar-se com as relações foi o que fundamentou a funcionalidade do Tesouro, sendo de grande valia os princípios que foram levantados, como a completude, a irreduzibilidade e a mútua exclusividade.

Os comentários dos professores consultados foram significativos para o fechamento do trabalho, pois garantiram a confiança de que o Tesouro pode oferecer um sentido pedagógico para quem se inicia no tema, e proporcionar diversos níveis de aprofundamento, seja pelo nível técnico, de crítica cinematográfica, história do cinema e indústria cultural.

O objetivo principal desse Tesouro foi construir o conhecimento numa área específica para fins de recuperação, e o de seu Mapa Conceitual foi a visualização facilitadora na organização lógica elaborada. O que é muito importante lembrar é a consciência de que o Tesouro obtido é apenas uma tentativa de auxílio no panorama das Linguagens de Controle já existentes na área. Esse resultado indica a importância que uma continuidade nesse tipo de pesquisa requer. Construir uma estrutura que lida com a linguagem de um meio é entregar-se a uma dinâmica jornada que sempre descobrirá novos meios e realizações, renovando e ampliando a possibilidade de conhecimento dos envolvidos.

***CINEMATOGRAPHIC INFORMATION AND ITS RETRIEVAL INSTRUMENTS: The Working Up of a Thesaurus on Cinema***

## **Abstract**

*This work reports the experience of developing a Thesaurus on Cinema, which was initiated with the discipline "Documentary Languages", and structured to aid in the organization and retrieval of cinematographic information. It was verified that in Portuguese Language, in Brazil, was lacking instruments to thematically treat documents on cinema and was also perceived an increasing use of specialized language in this area. So, it presents the actions carried through the construction of the Thesaurus, recognizing the Cinema as a support of information; the importance of a Thesaurus among the Documentary Languages and the necessary procedures to construct it. Resulting Thesaurus is composed by 216 terms organized in eight specific categories.*

## **Keywords:**

**THESAURUS  
CINEMA  
DOCUMENTARY LANGUAGES  
CONCEPTUAL MAP  
INFORMATION RETRIEVAL**

## **REFERÊNCIAS**

ABRANTES, José Carlos. **Breves contributos para uma ecologia da imagem**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abranter-já-ecologia-imagem.pdf>> Acesso em 27 jul. 2006.

AITCHISON, Jean; GILCHRIST, Alan. **Manual para construção de tesouros**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1979. 142p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: informação e documentação: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2003. 335p.

AUSTIN, Derek; DALE, Peter. **Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngues**. Brasília: IBICT/Senai, 1993. 86p.

BENJAMIM, Walter. **The work of art in the age of mechanical reproduction**. Disponível em: <<http://bid.berkeley.edu/bidclass.readings/benjamim.html>> Acesso em 12 fev. 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 117p.

BRASIL, Maria Irene. et al. Vocabulário sistematizado: a experiência da Fundação Casa de Rui Barbosa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p.81-93.

CALDAS, Maria A.E. et al. **Documentos acadêmicos: um padrão de qualidade**. Recife: Ed. UFPE, 2006. 457p.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração**. Niterói: EdUFF, 2001. 133p.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Metodologia de elaboração de tesouro conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.348-359, set./dez. 2006.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 221p.

CARVALHO, M. A. O conhecimento e a organização de um tema a partir de mapas conceituais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1997, São Luís. **Anais**, 1997, v.1, p.1999, São Luís, p.123.

CAVALCANTI, Cordelia R. **Indexação e tesouro: metodologia e técnicas**. ed. preliminar. Brasília: ABDF, 1978. 87p.

CHAUMIER, Jacques. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v.21. n.1/2, p.63-79, jan./jun. 1988.

CINTRA, Anna Maria M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002. 96p.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Informação cinematográfica e textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto. **Ciência da informação**, Brasília, v.25, n.3, p.461-465, set./dez. 1996.

CURRÁS, Emília. A terminologia. In: \_\_\_\_\_. **Tesauros: linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995. p.15-33.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Revista ciência da informação**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.101-107, 1978.

DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. **Ciência da informação**, Brasília, v.29, n.1, p.90-92, jan./abr. 2000.

**Biblionline, João Pessoa, v. 3, n.1, 2007**

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, 2002. 120p.

ELABORAÇÃO de tesouro documental. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/tesouro/>> Acesso em 13 dez. 2006.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 143p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Sistema de indexação PRECIS. **Revista de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v.21. n.1/2, p.21-45, jan./jun. 1988.

GARSHOL, Lars Marius. Metadata? Thesauri? Taxonomies? Topic maps! Making sense of it all. **Journal of information science**, Ontopia, v.30, n.4, p.378-391. 2004.

GOMES, Hagar Espanha. Classificação, tesouro e terminologia: fundamentos comuns. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/tertulia/tertulia.htm>> Acesso em 13 dez. 2006.

\_\_\_\_\_(Org.) **Manual de elaboração de tesouros monolíngües**. Brasília, DF: PNBUE, 1990. 78p.

\_\_\_\_\_; GUSMÃO, Heloisa Rios. **Guia prático para a elaboração de índice**. Niterói: APB, 1983. 126p.

GUARALDO, Franceli. Reflexões sobre o “ato fotográfico”. **Anais P&D estudos em design**. Rio de Janeiro, p.25-34, out. 1996.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Recuperação temática da informação. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v.23, n.1/4, p.112-130, jan./dez. 1990.

GUSMÃO, Heloisa Rios. **Tesouros**: análise e utilização. Niterói: CEUFF, 1985. 126p.

HAGGET, Peter; CHORLEY, Richard. Modelos, paradigmas e a nova geografia. In: \_\_\_\_ (coord.) **Modelos sócio-econômicos em geografia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1975. p.1-22.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia na universidade**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1995. 200p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. 112p.

KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: edições 70, 1969. 377p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina A. **Metodologia do trabalho de pesquisa**: 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 214p.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1997. 225p.

\_\_\_\_\_. **Máquina e Imaginário**: o desafio de poéticas tecnológicas. São Paulo: EDUSP, 1993. 313p.

**Biblionline, João Pessoa, v. 3, n.1, 2007**

MOURA, Maria Aparecida. et al. Linguagens de indexação em contextos cinematográficos: a experiência de elaboração do tesauro eletrônico do cinema brasileiro. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.54-69, jan./jun. 2005.

NATALI, Johanna W. Documentação e lingüística: inter-relação e campos de pesquisa. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v.11, n.1/2, p.33-42, jan./jun. 1978.

NUNES, Cláudio O.I. A relação da análise documentária com a terminologia. **BIBLOS**, Rio Grande, v.12, p.99-113, 2000.

PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 184p.

SILVA, Eliane Vieira da. et al. Vocabulário controlado para a rede de bibliotecas do IPHAN. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p.609-620.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.81-85, 1994.

SOUBHIA, Maria Cecília; PIANTINO, Jair Leal. Vocabulário controlado em artes do espetáculo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p.621-632.

TÁLAMO, Maria de Fátima G.M. **Linguagem documentária**. São Paulo: APB, 1997. Ensaio APB, 45. 12p.

TEIXEIRA, José Carlos A. **Cabeçalhos de assunto**: manual para estudantes. Niterói: UFF, 1979. 92p.

VICKERY, B.C. **Classificação e indexação nas ciências**. Rio de Janeiro: BNJ/Brasilart, 1980. 274p.

VOCABULÁRIO controlado do SIBi/USP. Disponível em: <<http://143.107.73.99/Vocab/Sibix652.dll/ARV?HIER=CH741.2.5.2>> Acesso em 5 fev. 2007.

WILKE, Valéria C.L.; RIBEIRO, Leila B.; OLIVEIRA, Carmen I.C. A informação potencializada no texto fílmico. **DataGramZero**, v.4, n.6, dez. 2003. Artigo6. 10p.